Papéis Velhos

Biografia

UMA PALAVRA

"Papéis Velhos" é um trabalho de pesquisa com o qual o "Projeto Livro Livre" busca facilitar - tematicamente - o acesso a obras digitais disponíveis na Rede Mundial de Computadores, todas elas em Domínio Público e oriundas dos grandes acervos em idioma português, tais como: Domínio Público, Google Books, Biblioteca Brasiliana da USP, Biblioteca Digital de Literaturas de Língua Portuguesa, Biblioteca Digital da Unicamp, Biblioteca Digital Nacional, Biblioteca Pública Benedito Leite, Biblioteca Nacional de Portugal, Internet Archive Projects, Arquivo Público do Estado de São Paulo, entre muitos outros.

Todos os livros aqui reunidos buscam preservar a integridade e a autenticidade da fonte, o que inclui a manutenção da ortografia original conforme processo de digitalização dos respectivos acervos.

Para um melhor aproveitamento do conteúdo digital, muitas dessas serão adequadas ao padrão ortográfico atual, mediante um modelo gráfico que torne a leitura mais fluida e proveitosa.

A todos, boa leitura!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

Euclydes da Cunha

EXCERPTO

. . . . . .

A individualidade e a obra de Euclydes da Cunha ficaram incomprehendidas á critica do seu tempo, á critica das cidades, de canones estratificados e de regrinhas dogmaticas. O seu grande livro, indice abreviado de uma alma intrepida a divagar perdida entre os esplendores do Brasil, que elle tanto amou, foi saudado menos como a expressão de uma nova maneira de estudar os problemas que affectam os nossos destinos do que como o symbolo de uma nova fórma literaria exquisita, traçada ao arrepio das fórmulas communs, de rythmos impacientes, sacudidos e irrequietos. Por isso mesmo elle não conseguiu vingar um reduzido circulo de intellectuaes.

Em Euclydes da Cunha faz-se mister distinguir o homem e o escriptor. São duas antitheses que não se conciliam, e diante das quaes os processos criticos de Taine depereceriam inexpressivos. O seu

exterior modesto e quasi humilde escondia avaramente a opulenta fecundidade do seu cerebro superiormente culto e aristocraticamente educado nas profundas verdades da natureza. O timido e hesitante das suas maneiras não denunciavam a segurança de vistas, a lucidez de descortino, a clareza de comprehensão que eram as qualidades soberanas do seu espirito. Ninguem suspeitaria que aquella mão, que murchava num cumprimento inexpressivo, brandisse a penna transmudando miraculosamente a palavra escripta em maravilhosa força creadora e inventiva, desenhando aqui a figura esculptural de Floriano Peixoto, alli esculpindo a face convulsiva de Antonio Conselheiro, burilando adiante o perfil rigido e marmoreo de Moreira Cesar. As phrases, que na conversação se arrastavam cansadas e indolentes, estereotypavam-se na escripta transfiguradas, lapidarias, de uma concisão soberana, de um contorno geometrico, de uma clareza diaphana e translucida: a physionomia bronzea dos nossos titans sertanejos, estoicos e resignados ante a inclemencia madrasta da terra, e o facies jovial do gaúcho heroico, romanesco e aventureiro, a expandir-se no seio de uma natureza boa e livre, ficarão perennemente gravados, numa imprimadura recortante de agua forte, em quatro paginas impereciveis dos *Sertões*, palpitantes de vida, exuberantes de emoção, refertas de um tragico realismo, profundo e commovedor. O seu estylo, desataviado no convivio quotidiano, assumia aspectos singulares ao materializar-se no artigo de jornal ou na pagina do livro; a phrase saltava-lhe rutilante, sonora, nervosa e quente; o periodo se distendia preguiçosamente em ondulações doces e suaves, ou arremettia em impetos ensofregados, estacando de improviso ante uma duvida rebelde ou irrompendo desafogado, de posse da verdade, ora curto e incisivo, qual uma sentença biblica, ora amplo, ondeante e sonoro, feito um grande rio, sereno e remançoso, rolando suas aguas num valle tranquillo, a reflectir de passagem os esplendores do ceu e da natureza rodeante.

Não sei de escriptor contemporaneo da lingua portuguesa que possua em mais alto gráo a capacidade de evocação com o só auxilio da palavra. Entre os da moderna geração avultam, em destaque inconfundivel, Severiano de Rezende, com o seu estylo nervoso, riçado de ironias ferozes, de lampejos fulgurantes, e Alberto Rangel, original, extravagante e sorprendente, perdido no inferno florente dos seringaes, tentando constringir no ambito estreito de um livro, que é um monumento, a alma mysteriosa da Amazonia, em sua desordem sublime

e formidavel. Euclydes da Cunha pertencia tambem a esta mesma familia de escriptores por graça da natureza.

Não ha illudirmos, porém, com os aspectos exteriores, epidermicos, da sua complexa individualidade. A grandeza excepcional de Euclydes da Cunha não deve ser explicada exclusivamente pela posse desse thesouro inestimavel da linguagem. O segredo das suas grandes victorias reside antes nessa rigida couraça de noções solidas e massiças de que se blindou a sua alma de artista. E' no deposito sedimentar de conhecimentos positivos, nas camadas de factos, de idéas adquiridas, accumuladas através de uma leitura diuturna, perseverante e fecunda, que se deve sorprender a alma secreta dos seus assignalados triumphos. Antes de ser um literato, Euclydes da Cunha foi um homem de sciencia; um engenheiro, antes de se nos revelar um artista. «A realidade sorprendedora entrou-lhe pelos olhos através da objectiva de um theodolito. Armaram-se-lhe os scenarios phantasticos nas rêdes das trianguladas». Addite-se a tudo isto a idéa fundamental que inspira todos os seus escriptos, o amor incondicional ao Brasil, o entranhavel carinho ás suas ingenuas tradições, aos seus heróes primitivos, aos incontaveis aspectos da sua natureza incomparavel, ao seu passado cheio de encantos e seducções, e ter-se-á, integra e perfeita, uma das mais robustas e complexas organizações mentaes do nosso paiz.

Era um amante carinhoso da historia do Brasil, cujos livros versava com um affecto especial. Espantava-o e irritava-o do mesmo passo a ignorancia da nossa vida nacional. Ouvi-o mais de uma vez lastimar com amargura o doloroso descaso pela grandeza desconhecida e obscura dos nossos antepassados, o nosso desamor pelas idades transcorridas e pelas gentes que passaram, a indifferença pela nossa historia, pelos seus vultos veneraveis, pelas figuras esculpturaes dos seus heroes, pelas suas severas virtudes e pelos seus grandes defeitos, pela lealdade das suas convicções e pela firmeza dos seus principios. Sobretudo pelos rudes patricios do interior, cujo abandono no recesso dos sertões, alheios á civilização e e sequestrados da cultura, se lhe afigurava um crime nefando de futuras consequencias formidaveis.

Em todos os seus livros vibra esta nota dolorosa e estúa este pensamento forte de um fecundo retorno ao passado, para retemperar as energias gastas e rejuvenescer as forças consumidas no drama

tumultuario e tão sempre o mesmo da existencia. E elle tinha razão. Não conheço país que viva mais divorciado das suas tradições e da memoria dos seus maiores. Perdemos, pouco a pouco, ao influxo das culturas exoticas, uns restos de originalidade nativa e de vivificante idealismo. Guiados por uma canhestra sciencia politica que vislumbra em todos os grandes movimentos sociaes o resultado de pequeninas intrigas e combinações entortilhadas, deixamo-nos embalar, indifferentes, pela doce perspectiva de um futuro risonho que a nossa impenitente fantasia reveste de fórmas abstractas e irrealizaveis.

As nossas letras participam desse angustioso estado de espirito. São raros os escriptores contemporaneos no Brasil que remontam á fonte das tradições nacionaes, tonificando a inspiração ao contacto rejuvenescente da natureza calorosa e fecunda. As nossas vigorosas faculdades primitivas transformam-se, folheadas de attributos estranhos: as qualidades originarias de affectividade e idealismo, que caracterizam a nossa *gens*, deperecem ao calor das novas raças. Affeiçoamos por demais o nosso espirito ao dos outros povos, a ponto de desconhecermos, figurando-se-nos estranhos, toda a população sertaneja disseminada pelos sertões sem fim, documentos vivos e preciosos de um estadio evolucional já percorrido, retardatarios de tres seculos na marcha civilizadora da Historia.

Dahi o desatarem-se dos contrastes violentos, das divergencias radicaes, prefigurando fórmas literarias antagonicas.

Entre nós, num mesmo tracto de territorio, deparamos todos os elos partidos e esparsos do nosso longo tirocinio, a delatarem as varias etapas da nossa marcha através da historia, individuando os episodios do duello formidavel e rude entre o homem e a terra. Aqui, a civilização campeia ao lado da barbaria. O homem das cidades, emmalhado nas tramas constrictoras das leis, vive a dois passos do selvagem nú, primitivo e forte. De par com as ingenuas tradições, contemporaneas dos periodos primordiaes da humanidade, avultam as seccas generalizações da sciencia e os processos do raciocinio adextrado e experto. A vida assassina e devoradora das metropoles ruidosas se ostenta, num contraste realçante e impressionador, com a paisagem casta e cheia de melancolia, de um tom quasi biblico, dos povoados nascentes, das aldeias humildes e tranquillas. Os jardins, caprichosamente recortados no seio aspero das cidades, estão a

dois passos da portentosa virgindade das florestas sombrias, percorridas de rumores solennes e mysteriosos, na ondulação lenta de um vasto mar de frontes verdescentes. Os aqueductos, construidos segundo as leis de u'a mecanica de effeitos friamente calculados, se estiram não longe dos diluvios esfervilhados dos amplos rios tumultuarios e borbulhantes, a irromperem, num anceio angustioso, das nascentes longinquas.

Não ha commentar a disparidade destes contrastes ineditos, que tanto perturbam o rythmo do nosso progredir. Representam dois mundos diversos, mecanicamente juxtapostos, addicionados um ao outro, gerando cada um delles um genero literario, de caracteres proprios e inconfundiveis: um espontaneo e viçoso, como a natureza, outro artificial e mirrado como a civilização; um forte, inventivo e creador, como as forças universaes, outro pallido, anemico e dessorado, denotando o transplante artificial de regiões exoticas.

Enxameam os representantes da literatura produzida por aquelle aspecto convencional da civilização. Possuimos specimens curiosos, desde o escriptor, sem alma, proprietario de uma medida para todas as cousas, de um estylo para todos os innumeraveis quadros da existencia, de uma fórmula preconcebida para a expressão de todas as emoções, até ao poeta ignaro, cuja phantasia desbordante não trepida em salpintar de neve as suas paisagens tropicaes.

Consola-nos, porém, a certeza de que vai crescendo o numero dos que, oppondo firme antemural aos influxos estranhos, se têm deixado deslumbrar na contemplação da Natureza viva. Ainda assim, elles apparecem nos nossos dias como uns seres incomprehendidos, a falar uma lingua estranha e singular, de rythmos desconhecidos, a abrir horizontes novos, laivados de cores alacres e festivas, a cantar as delicias de um remoto mundo ignorado, cujo clarão trazem na fronte predestinada.

Euclydes da Cunha, alma de artista incontentavel, servida por uma erudição profunda, por uma cultura immensa, filtrada numa lingua de mascula simplicidade, de elegante distincção, pertencia a esta cohorte reduzida de espiritos luminosos que vislumbravam no conhecimento do nosso passado a condição fundamental do engrandecimento futuro.

Tudo isto desappareceu. Nessa epocha de compromissos, Euclydes da Cunha, filho dilecto daquella raça privilegiada de homens aos

quaes a vida se apresenta como uma vasta estrada real, esplendida e luminosa, pagou bem caro o direito de seguir sempre, sem desfallecimentos nem tibiezas, como que impellido por uma fatalidade incoercivel, uma direcção firme e rectilinea.

A. G. de Araujo Jorge.